



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA

ISSN 2525-3441

*Adriana Ferreira de Sousa*

*Albuquerque*

*Pontifícia Universidade Católica – RJ*

*adri@puc-rio.br*

*Maria Crisvânia Coelho Leite dos*

*Santos*

*Faculdade Machado de Assis*

*crisvania1@gmail.com*

## *Os pronomes demonstrativos em contextos de uso*

*RESUMO: Segundo as gramáticas tradicionais, o que caracteriza, fundamentalmente, os pronomes demonstrativos é a sua função dêitica: indicam a posição dos seres, coisas e noções no espaço ou tempo em relação às três pessoas do discurso (1ª pessoa: este/a, isto; 2ª pessoa: esse/a, isso; 3ª pessoa: aquele/a, aquilo). Além da função dêitica, também são mencionadas a função anafórica e a catafórica que, respectivamente, fazem referência a algo já mencionado e ao que será citado no discurso. Essas classificações, no entanto, não dão conta de outros empregos desses pronomes no discurso oral e escrito. Considerando, pois, a multifuncionalidade dos pronomes demonstrativos, este artigo se propõe a apresentar a descrição e a análise de alguns desses pronomes, considerando seus variados usos e valores semântico-pragmáticos. Os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa são os da Gramática Funcional do Discurso, modelo proposto por Hengeveld (2004), que considera a língua em uso, os participantes, o propósito comunicativo e o conteúdo discursivo. Os dados apresentados constataam que o emprego dos demonstrativos se manifesta com extrema riqueza na língua, indicando uma tendência de reconfiguração das funções básicas desses pronomes. As evidências apontam para um processo de subjetividade de ordem semântico-pragmático no uso dos demonstrativos.*

*Palavras-chave: Pronomes Demonstrativos; Gramática Funcional do Discurso; Linguagem.*



## INTRODUÇÃO

Em 2008, quando João Ubaldo Ribeiro recebeu o Prêmio Camões<sup>i</sup>, perguntaram-lhe os motivos que o levaram a ser agraciado com essa premiação. Prontamente, o escritor respondeu que ganhou o prêmio porque o merecia. Em outra ocasião<sup>ii</sup>, o autor disse que esse prêmio era o reconhecimento do seu papel na literatura de língua portuguesa.

Como o autoelogio não é bem visto na cultura brasileira, o escritor recebeu muitas críticas por suas respostas. Por conta disso, João Ubaldo escreveu a crônica "O dinheiro do prêmio"<sup>iii</sup>, em réplica às várias censuras que lhes foram feitas pela sua "falta de modéstia". A seguir, a transcrição de um parágrafo do texto:

Portanto, claro que acho que mereço, embora não seja cabotino o suficiente para dizer por quê, a não ser que me perguntem. E, mesmo aceitando o prêmio e deixando implícito achar que o mereço, a situação ridícula ainda se estende, porque eu devia ter sido 'modesto', ou seja, balbuciado algo sobre minha abissal carência de méritos, de ser 'apenas' issozinho ou aquilinho e fazer a mais baixa apreciação possível de minhas duvidosas qualidades. Neste caso, as pessoas me ouviriam e comentariam: 'olha aí a falsa modéstia, é óbvio que ele não pensa assim, isso é ele fazendo gênero'. Aí eu não digo nada dessas coisas farisaicas, respondo também que ganhar o prêmio não foi surpresa - e, claro, corri e o bicho não comeu, mas fiquei e o bicho pegou. Imodesto, que coisa feia, que arrogância, que deselegância, devia pelo menos manter as aparências e por aí vai. (grifos nossos)

Esse texto é interessante porque, além de expor aspectos culturais da nossa sociedade, apresenta elementos que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa: os usos dos pronomes demonstrativos não contemplados pela gramática tradicional.

Segundo as gramáticas normativas, os demonstrativos não admitem derivação no grau aumentativo ou diminutivo<sup>iv</sup>. João Ubaldo, contrariando as regras gramaticais, emprega "issozinho" e "aquilinho".

Rocha Lima (2011, p. 98) destaca que "os pronomes são vazios de conteúdo semântico, adquirindo significado apenas no contexto linguístico em que são utilizados, não na sua própria expressão linguística, ou seja, não possuem autonomia referencial".

Segundo o autor, assim como em outras gramáticas tradicionais<sup>v</sup>, o que caracteriza fundamentalmente os pronomes demonstrativos é a sua função dêitica – indicam a posição



dos seres, coisas e noções no espaço ou tempo em relação às três pessoas do discurso: este, esta, isto (1ª pessoa – âmbito do enunciador); esse, essa, isso (2ª pessoa – âmbito do interlocutor, leitor, destinatário); e aquele, aquela, aquilo (3ª pessoa – a não pessoa, ou seja, campo à parte do âmbito da 1ª e 2ª pessoas). Isto, isso e aquilo são verdadeiras formas neutras, não apresentam variação de gênero e de número.

Além da função dêitica, também são mencionadas a função anafórica e catafórica dos demonstrativos para fazer referência a algo já mencionado (anáfora) ou que ainda será referido (catáfora) no discurso. Mas essas classificações não dão conta de outros empregos dos demonstrativos no discurso escrito e oral.

Consideramos, portanto, a falta de significação própria dos demonstrativos apenas no nível referencial, porque no plano semântico-pragmático vemos a possibilidade de os demonstrativos adquirirem um sentido próprio. É o que acontece, por exemplo, com "issozinho" e "aquilinho", utilizados na crônica de João Ubaldo. Da forma como foram usados, esses pronomes ganharam autonomia referencial, têm significação própria e não exercem função dêitica nem anafórica.

Em relação à referência, o discurso oral é rico em exemplos em que a alusão não está nem no enunciado (anáfora e catáfora) nem na situação contextual (dêixis). Está fora do campo perceptivo dos interlocutores. Nesses casos, a referência se dá por remissão ao conhecimento compartilhado. Como por exemplo<sup>vi</sup>:

(1) Joana, encontrei *aquela* livro que eu queria.

(2) Ele só pensa *naquilo*. (Conotação sexual)

Nas duas ocorrências anteriores, os demonstrativos *aquela* e *aquilo* foram empregados, respectivamente, para evocar um referente situado num conhecimento específico e na memória cultural partilhados pelos interlocutores.

Além desses empregos, outra questão que vem sendo observada há tempos é a substituição do sistema ternário (*este, esse, aquela*) pelo binário (*esse, aquela*). A posição entre os valores proximais da 1ª pessoa (*este*) e os valores distais da 2ª pessoa (*esse*) está



praticamente neutralizada na fala, estendendo-se à escrita, em muitos casos<sup>vii</sup>. Há diversos estudos que comprovam isso (Castilho, 2008). Essa variação, porém, não será objeto de estudo desta pesquisa. É citada, aqui, a fim de chamar a atenção para o fato de que o emprego dos pronomes demonstrativos vem sofrendo mudanças.

Em um pequeno levantamento, feito em livros didáticos de língua portuguesa, voltados para o ensino da língua materna<sup>viii</sup> e para o ensino de Português como Segunda Língua para Estrangeiros (PL2-E)<sup>ix</sup>, observamos que essas obras<sup>x</sup> abordam apenas o emprego dêitico dos demonstrativos. Inclusive, nos livros de PL2-E, a fim de reforçar a função de indicação espacial, os demonstrativos são apresentados juntos com os advérbios de lugar (este *aqui*, esse *aí*, aquele *ali / lá*).

Vemos, deste modo, que o ensino dos demonstrativos, nos livros didáticos, está restrito, apenas, às normas gramaticais, desconsiderando os elementos extralinguísticos que cooperam para outras possibilidades de uso.

## OS DEMONSTRATIVOS: UM BREVE PERCURSO HISTÓRICO

### Latim clássico e vulgar

O termo *pronome* remonta ao latim *pronomen*, que, por sua vez, é a tradução do grego *ajntwnumiva*, cujo significado é "o que se emprega em lugar do nome". Marine (2009, p. 53) afirma que, aparentemente, "o latim clássico possuía um sistema harmoniosamente equilibrado de pronomes, em que *hic* representava o pronome demonstrativo relativo à 1ª pessoa do discurso; *iste*, o de 2ª pessoa e *ille*, o de 3ª pessoa".

Desde a época helenística até os dias de hoje, os pronomes demonstrativos são caracterizados por desempenharem funções dêiticas e anafóricas. Em Andrade (2001), no entanto, encontramos outra função para os demonstrativos *iste* e *ille* – a enfática. Segundo o autor, podemos esquematizar as funções dos demonstrativos em latim assim:

1ª pessoa: *hic, haec, hoc* (este, esta, isto) - função dêitica / fórica;

2ª pessoa: *iste, ista, istud* (esse, essa, isso) - função dêitica / fórica e função enfática (sentido negativo);



3ª pessoa: *ille, illa, illud* (aquele, aquela, aquilo) - função dêitica / fórica e função enfática (sentido positivo).

Também havia outros três pronomes habitualmente designados como demonstrativos de identidade:

a) *is, ea, id*: empregado como anafórico ou catafórico<sup>xi</sup>;

b) *ipse, ipsa, ipsum*: tipicamente enfático;

c) *idem, eadem, idem*: tem caráter fórico e enfático, não só faz referência a algo já referido como reforça.

Assim, segundo Andrade (2001), temos, em latim clássico, uma série dêitica (*hic, iste, ille*) e uma série fórica encabeçada pelo pronome *is*, à volta do qual gravitam *ideme ipse*. A série dêitica pode invadir o campo fórico sem perder, no entanto, seu valor original. O mesmo não se pode dizer da série fórica, que nunca invade o campo da referência dêitica. Os pronomes *iste, ille, is* e *idem* podem também assumir uma função enfática, sendo *ipse*, por excelência, o pronome enfático.

Com o tempo, houve o deslocamento de *hic*, que desapareceu completamente antes mesmo do fim do latim. Resistiram as formas *iste* e *ille* como representantes dos pronomes demonstrativos, configurando-se assim um sistema pronominal binário. Devido à tendência que a língua tem de conservar as distinções, o sistema tripartido dos demonstrativos se repôs. Para isso, recorreu ao pronome enfático *ipse*, que passou a ocupar o lugar de *iste*, como podia ser observado no Latim Vulgar, que, de um modo geral, conservou o sistema ternário do Latim Clássico, porém reorganizou-o dessa forma:

1ª pessoa: com o desaparecimento de *hic, iste*<sup>xii</sup> ocupou o seu lugar.

2ª pessoa: com o deslocamento de *iste* para a 1ª pessoa, o lugar foi preenchido por *ipse*.

3ª pessoa: conservou-se a forma *ille*.

Marine (2009) aponta, no entanto, que embora existisse um sistema pronominal ternário, havia confusão no uso dos demonstrativos. Era frequente o emprego de um no lugar do outro, persistindo a utilização de um sistema binário. Marcava-se apenas a posição de objeto próximo e objeto

remoto em relação ao falante. Portanto, no Latim Vulgar existiam dois demonstrativos de sentido mais definido e



persistente - *iste* e *ille* - e, um terceiro, que ocupava uma posição intermediária entre os dois, mas de vitalidade mais limitada - *ipse*.

### O que dizem as gramáticas normativas

Segundo descrições de cunho normativo, o sistema dos pronomes demonstrativos da língua portuguesa é distribuído da seguinte maneira:

	Variáveis				Invariáveis
	Masculino (Singular/Plural)		Feminino (Singular/Plural)		
<b>Formas de 1ª p.</b>	este	estes	esta	estas	isto
<b>Formas de 2ª p.</b>	esse	esses	essa	essas	isso
<b>Formas de 3ª p.</b>	aquele	aqueles	aquela	aquelas	aquilo

Pesquisando as definições dadas aos pronomes demonstrativos em algumas gramáticas da língua portuguesa, observamos que Bechara (2009), Cunha e Cintra (2007), Macedo (1991), Ribeiro (2010) e Rocha Lima (2011) definem os demonstrativos, de modo geral, como aqueles que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso (1ª pessoa: este, esta, isso; 2ª pessoa: esse, essa, isso; 3ª pessoa: aquele, aquela, aquilo) e acrescentam que esta localização pode se dar no tempo, no espaço ou no discurso. Assim, temos as formas de 1ª pessoa marcando referência ao campo do falante; as de 2ª, marcando referências ao campo do ouvinte, e as de 3ª fazendo referência ao que tiver fora do campo do falante/ouvinte.

As gramáticas citadas classificam as formas variáveis, de acordo com a função, em pronomes adjetivos ou substantivos:

(22) *Aquele* carro é meu.

(23) Meu carro é *aquele*.

Já as formas invariáveis são sempre pronomes substantivos:

(24) *Isto* é meu.

(25) *Aquilo* foi divertido.

À exceção de Macedo (1991), os outros autores citados consideram também como pronomes demonstrativos as formas *o, a, os, as* quando equivalem a *este, esse, aquele, isto, isso, aquilo*. Como por exemplo:



(26) Não compreendo o (= isso) que disseste.

(27) Os (= aqueles) que mais protestaram, são os (= aqueles) que menos razão têm.

Além disso, os pesquisadores observam que, em algumas situações, a fim de conferir maior clareza ou ênfase às pessoas ou coisas a que nos referimos, “reforçamos” os demonstrativos com advérbios de lugar (aí, aqui, lá, etc.) ou com as palavras *mesmo* e *próprio*, quando têm o sentido de *exato*, *idêntico* ou *em pessoa*. Convém lembrar que *mesmo* e *próprio* já eram empregados, no latim clássico como pronomes de reforço.

(28) Este *aqui* / esse *aí* / aquele *ali* / *lá* é o seu filho?

(29) Esse *mesmo* / *próprio* homem esteve aqui.

(30) Isso *mesmo*.

(31) Foi a *própria* Carla quem fez o convite.

Para Rocha Lima (2011, p. 160), aqui, aí, lá e ali ou acolá se classificam como pronomes adverbiais demonstrativos. O autor apresenta o sistema pronominal organizado da seguinte forma:

1ª pessoa: este, isto - aqui;

2ª pessoa: esse, isso - aí;

3ª pessoa: aquele, aquilo - ali, lá.

Em relação ao uso dos demonstrativos combinados com os advérbios de lugar (aqui, ali, lá), temos observado o amplo emprego de *esse aqui* / *aí* e *aquele ali* / *lá* principalmente na fala. Ou seja, na oralidade, ocorre, com frequência, um sistema binário demonstrativo formado por *esse* e *aquele* que, para marcar a distância em relação à pessoa do discurso, são utilizados os advérbios de lugar. Levando em consideração todas as mudanças pelas quais passou o sistema pronominal demonstrativo, percebemos que a língua brasileira evidencia estar a caminho de uma forma composta “demonstrativo-advérbio”, semelhante ao processo pelo qual passou a língua francesa.

Bechara (2009, p. 168) acrescenta que “mesmo, próprio, semelhante e tal têm valor demonstrativo quando denotam identidade ou se referem a seres e ideias já expressas anteriormente e, valem por esse, essa, aquele, isso, aquilo”:



(32) *Tal* gesto não me agradou.

(33) Não se esperava *semelhante* coisa.

Os demonstrativos empregam-se também para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado ou o que se vai mencionar:

(34) O menino deixou a mãe nervosa. *Esta* o repreendeu.

(35) Mário e Cláudio são excelentes profissionais. *Aquele* é mecânico; *este* é marceneiro.

(36) – Só quero isto: que estudem.

Em (34) e (35), os pronomes *esta*, *aquele* e *este* fazem referência a termos já constantes no contexto: é a função anafórica. Em (36), o demonstrativo *isto* faz referência ao que se vai narrar: é a função catafórica.

Cunha e Cintra (2007) ressaltam que o sistema ternário dos demonstrativos não é rigorosamente obedecido na prática e explicam que, com frequência, na linguagem animada, nos transportamos pelo pensamento a regiões ou a épocas distantes, a fim de nos referirmos a pessoas ou a objetos que nos interessam particularmente como se estivéssemos em sua presença. Linguisticamente, esta aproximação mental traduz-se pelo emprego do pronome "este" (esta, isto) onde seria de esperar "esse" ou "aquele". Para exemplificar, usam uma frase de um personagem do romance *Fogo morto*, de José Lins do Rego, em que o advérbio "lá" se aplica a sua casa, da qual no momento estava ausente:

(37) – Eu só queria estar lá para receber *estes* cachorros a chicote.

Em oposição ao uso mostrado acima, outra situação apontada pelos autores é que uma atitude de desinteresse ou de desagrado para com algo que esteja perto de nós pode levar-nos a expressar tal sentimento pelo uso do demonstrativo "esse" em lugar de "este". Como mostra o fragmento, de Ferreira de Castro, selecionado pelos autores para exemplo:

(38) O guarda-livros, num repelão, ordenou:

– Tira *esse* bandido da minha frente, João! Tome conta dele!

Além desses usos, Cunha e Cintra (2007) apontam outros empregos particulares dos demonstrativos, como os variados matizes afetivos. Segundo os autores, os demonstrativos reúnem o sentido de atualização ao de determinação. São verdadeiros



“gestos verbais”, acompanhados em geral de entonação particular e gestos físicos.

É o que acontece com os neutros “isto”, “isso” e “aquilo” que podem apresentar contrastes de valores ao serem aplicados a pessoas. Ora terão emprego depreciativo, ora expressarão apreço por determinada pessoa. Assim, de acordo com a entonação e o contexto, os demonstrativos servem para intensificar os diversos sentimentos expressos em frases, tais como:

- a. Surpresa, espanto: – *Essa* agora!
- b. Admiração, apreço: – *Aquilo* é que são homens fortes.
- c. Indignação: – É tudo claro como a água: *este* cão roubou-me. Acabo ainda hoje com *este* malandro! *Isto* não fica assim.
- d. Desprezo: – *Isso* é uma vergonha!
- e. Depreciação: – *Aquilo* é um desgraçado.
- f. Apreciação: – Bonita mulher. Como *aquilo* vê-se pouco.

Entre os valores afetivos apresentados por Cunha e Cintra (2007), cabe ressaltar o sentido intensivo, superlativizante, que o demonstrativo adquire em certas construções oracionais. A seguir, os exemplos apresentados pelos autores:

(39) Qual o quê! Queriam monte. Monte num dia *daqueles*! (M. Torga, CM, 72).

(40) Ninguém é operado assim com *essa* pressa. (J. Paço d'Arcos, CVL, 365.)

(41) Outro homem não podia existir com *aquela* força nos braços, *aquela* riso na boca e *aquela* calor no peito. (Adonias Filho, LBB, 86)

Digno de nota também é o uso de “nisso<sup>xiii</sup>” com o sentido de “então” ou “nesse momento” e o emprego da locução “isto / isso de” equivalendo a “com referência a”, “no tocante a” ou “a respeito de” aludidos pelos autores:

(42) *Nisso* bateram à porta.

(43) *Isto* de filhos é um aborrecimento!

Como observado, não há um consenso nas regras relativas ao sistema dos pronomes demonstrativos. Dos gramáticos normativos pesquisados, Cunha e Cintra (2007) são os únicos que apresentam



características mais detalhadas do emprego dos demonstrativos que vão além da função dêitica e anafórica.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

A Gramática Funcional (GF) concentra sua atenção nos usos da língua, valorizando o emissor, o receptor e a variação linguística no quadro da reflexão gramatical. Conforme encontramos em Castilho (2012, p. 68):

A Gramática Funcional procura correlacionar as classes, as relações e as funções com as situações sociais concretas em que elas foram geradas. Para situar a língua em seu contexto social, ela ultrapassa o limite da sentença e avança na análise de textos extensos. Esse ramo de estudos "desencapsulou" a língua de seus rígidos limites estruturalistas e gerativistas, estabelecendo correlações entre os fatos gramaticais e os dados da comunidade que os gerou. Pode-se dizer que a Gramática Funcional reage contra a "pasteurização" da língua sustentada pela atitude formalista, que postula a língua como uma atividade mental ou como um código.

Como visto, dentro desse paradigma, tenta-se revelar a instrumentalidade da língua em relação ao que as pessoas fazem e alcançam com ela no intercâmbio comunicativo. Logo, para a GF, a pragmática é um marco globalizador, dentro do qual se deve estudar a semântica e a sintaxe: a semântica é dependente da pragmática, e a sintaxe, da semântica. Assim, o objetivo principal é descrever a linguagem não como um fim em si mesmo, mas em termos dos requisitos pragmáticos da interação verbal.

Desse modo, para Dik (1989), há dois tipos de sistemas de regras: (i) as regras que governam a construção das expressões linguísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e (ii) as regras que governam os padrões de interação verbal em que essas expressões linguísticas são usadas (regras pragmáticas). O sistema de regras linguísticas deve ser considerado instrumental em relação aos objetivos comunicativos.

O referido autor propõe um modelo de interação verbal que explica o papel da expressão linguística na comunicação. Dentro desse modelo, a produção das expressões linguísticas, na interação social, depende da intenção do falante, da sua informação pragmática e da antecipação que ele faz da interpretação do ouvinte, com base na

informação pragmática que ele acredita estar disponível ao ouvinte. A interpretação do ouvinte, por sua vez, depende da própria expressão linguística, da informação pragmática de que ele dispõe e de sua hipótese sobre a intenção comunicativa do falante.



Para a eficácia desse modelo, Dik (1997b *apud* Souza, 2008, p. 8) entende que é necessário distinguir os seguintes tipos de conhecimentos contidos na informação pragmática: (i) conhecimento prévio (conhecimento que falante e ouvinte possuem antes de um evento comunicativo), que pode ser linguístico<sup>xiv</sup>, ou não-linguístico (conhecimento de mundo) e (ii) conhecimento imediato (conhecimento derivado da situação discursiva em que ocorre o evento). Tal conhecimento pode ser situacional (conhecimento derivado do que pode ser percebido e inferido da situação comunicativa, incluindo referência dêitica) ou textual<sup>xv</sup> (conhecimento oriundo da informação transmitida durante o evento comunicativo). Esses tipos de conhecimentos assumem um papel crucial na interação verbal, determinando a formulação e a interpretação do discurso entre os interlocutores.

230

### Nível representacional

Segundo Dik (1989), no nível representacional, que diz respeito ao evento narrado, um estado-de-coisas é descrito de tal modo que o ouvinte seja capaz de entender a situação, real ou imaginária, que está sendo relatada. Desse modo, as operações nesse nível são direcionadas para a construção de uma predicação.

A construção de uma estrutura subjacente requer, em primeiro lugar, um *predicado* que deve ser aplicado a um número apropriado de *termos*. Predicados designam propriedades ou relações, enquanto termos são usados para referir entidades. Assim, o predicado *ler* designa uma relação de dois lugares entre duas entidades nos papéis de *leitor* e *alguma coisa lidas*, sendo assim, necessariamente, aplicados dois termos (*João e livro*, por exemplo).

(44) João (agente) ler (predicado) livro (objeto) = João lê o livro.



Quando a um predicado é aplicado um conjunto apropriado de termos, o resultado é uma *predicação nuclear*, que constitui o nível mais baixo, formado pelo predicado e por seus argumentos (que geralmente constituem entidades de primeira ordem). A predicação designa um *estado-de-coisas* (EsCo), que indica "que alguma coisa acontece no mundo real" ou pode ser criado no "mundo mental" do falante e do destinatário, é a codificação linguística que o falante e o destinatário realizam em uma situação.

A predicação nuclear, como apresentada em (44), pode receber especificações com o acréscimo de *operadores* ( $\pi 1$ ) e *satélites* ( $\sigma 1$ )<sup>xvi</sup> de predicado, constituindo assim a *predicação central*.

À predicação central podem ser também acrescentados operadores e satélites de predicação (dos tipos  $\pi 2$  e  $\sigma 2$ ), e assim formar a *predicação estendida*, uma entidade de segunda ordem referente a um estado-de-coisas, situado no espaço e no tempo concretos ou conceituais. Toda essa estrutura é o *input* para a formação da *proposição*. Um estado-de-coisas como em (45), por exemplo, pode ser localizado no tempo e no espaço.

(45) ler (tempo passado -  $\pi 2$ ) - biblioteca (espaço -  $\sigma 2$ ) = João leu o livro na biblioteca.

Entende-se, então, que, no nível representacional, a função dos satélites e operadores é adicionar informações ao estado-de-coisas e assim contribuir para a formação da predicação.

### Nível interpessoal

Diferentemente do nível representacional, que tem a ver com a relação estabelecida entre a unidade linguística e o mundo que ela descreve, no nível interpessoal as operações são orientadas para a relação tríplice entre os participantes do evento da fala (o falante, o ouvinte e o conteúdo transmitido). Temos então que: se um falante produz uma expressão, ele tem de selecionar uma força ilocucionária básica para essa proposição, que é a oração. A ilocução constitui uma instrução do falante para o destinatário efetuar certas mudanças em sua informação pragmática. Por consequência, o que se tem é o ato de fala (Dik, 1989, *apud*



Pezatti, 2009, p. 9). É, portanto, no nível interpessoal que se situam as estratégias discursivas.

Nesse nível, são atuantes os operadores e os satélites de proposição, os quais efetuam a força ilocucionária da expressão linguística. Por meio desses operadores e/ou satélites de proposição, que registram a atitude do falante em relação à verdade do conteúdo proposicional, uma predicação passa a constituir uma estrutura de ordem mais alta, a proposição, que, por sua vez, designa um conteúdo proposicional, ou fato possível.

Dessa forma, o falante pode expressar, no conteúdo da proposição, sua crença ou ausência de crença, seu desejo ou esperança de que a proposição se torne verdadeira e, ainda, a origem por meio da qual ele obteve a informação. A predicação dada em (45), por exemplo, pode ser avaliada pelo falante como provável e essa qualificação ser registrada por meio de um satélite, como *provavelmente*.

(46) Provavelmente, João leu o livro na biblioteca.

Assim, a proposição, como apresentada em (46), por exemplo, se reveste de força ilocucionária, correspondendo a um ato de fala especificado pelos operadores e satélites de ilocução.

Dik (1997b *apud* Carrascossi, 2011, p. 32) entende que a comunicação não se dá pela expressão de proposições, mas por realização de atos de fala, que são interpretáveis como instruções do falante para que o destinatário realize certas ações mentais, relacionadas ao conteúdo proposicional. O que significa reconhecer o aspecto performativo das expressões linguísticas.

Em outras palavras, as ilocuições básicas são entendidas como instruções do falante para o destinatário, com o objetivo de causar certas alterações na informação pragmática do destinatário, podendo ser percebida dentro do modelo de interação verbal proposto por Dik (1989). Nesse sentido, Dik (1997b) propõe três perspectivas para a ilocução: a) a que é intencionada pelo falante; b) a que está codificada na sentença; c) a que é interpretada pelo ouvinte.

O autor observa que a ilocução básica de uma expressão pode ser "convertida" em outros valores ilocucionários, e esse processo de "conversão ilocucionária pode ocorrer pragmaticamente,



lexicalmente ou gramaticalmente. Por isso, Dik (1997b *apud* Carrascossi, 2011, p. 33) afirma que “esses tipos de conversão, bem como a intenção do falante e a interpretação do ouvinte diante de uma expressão, devem ser estudados dentro de uma teoria pragmática mais ampla”. Dessa forma, para a teoria de análise linguística da GF de Dik, interessa o valor ilocucionário codificado na sentença. Como aponta Camacho (2006), por mais que a abordagem dos fenômenos gramaticais lance mão de explicações de base discursiva, tendo em vista que a linguagem é um instrumento de interação social, a sintaxe em si, e não o discurso, parece ser o objeto principal da GF, visto que a unidade máxima de análise está confinada ao estudo de construções simples (Dik, 1997a) e complexas (Dik, 1997b).

A esse respeito, Hymes (1979, p. 306) faz uma crítica à teoria, afirmando que Dik entende “ser preferível que a GF seja um modo de analisar a gramática como meio de comunicação, mas deixa a análise dos fins da comunicação, e a ligação entre meios e fins, para outros ou para um outro momento.”<sup>xvii</sup>

Hengeveld (2004), dando continuidade ao estudo de Dik, propõe uma nova arquitetura para a GF, denominada Gramática Funcional do Discurso (GFD).

### **A Gramática Funcional do Discurso (GFD)**

Segundo Hengeveld (2004), há duas razões por que a GF deve expandir-se da sentença para o discurso: em primeiro lugar, há muitos fenômenos linguísticos que somente podem ser explicados em termos de unidades maiores que a sentença individual (partículas discursivas, cadeias anafóricas, formas verbais narrativas etc.); em segundo lugar, há expressões linguísticas que são menores do que a sentença individual, mas funcionam como enunciados completos e independentes dentro do discurso (frases elípticas, exclamações e vocativos). Essas razões, portanto, requereriam uma concepção de enunciados como atos discursivos<sup>xviii</sup> e não como orações.

Na atual versão, a GF de Dik, com foco basicamente na gramática da oração, ganha mais espaço, direcionando-se

a um modelo de gramática funcional com foco em uma unidade maior de análise, o discurso.

Cumpramos ressaltar que a GFD não se propõe a ser um modelo de Análise do Discurso (que lida com uma noção de discurso mais pautada no aparato ideológico e historicista de língua), mas sim um modelo de estrutura de língua que explica o fato de ser ela um instrumento usado pelo falante para engajar-se em uma interação verbal com o outro em determinado contexto discursivo. Nesse sentido, segundo Souza (2008) a noção de *discurso* empregada pela GFD é mais assentada nos componentes gramatical e contextual da língua.

Essa recente versão da GF apresenta uma arquitetura modular organizada de cima para baixo (do discurso para a gramática e da gramática para a expressão linguística), constituída de três componentes: o conceitual (onde surge a intenção comunicativa), o contextual e o de saída (onde são geradas expressões ortográficas ou acústicas, via operação de articulação). O componente gramatical é conectado ao componente conceitual, ao contextual e aos componentes de expressão.

Faz-se relevante uma melhor especificação do componente contextual. Antes, é preciso entender que a concepção de contexto que emerge da GFD parte do pressuposto de que os vários aspectos dele servem sistematicamente para motivar determinadas formas de enunciados (Pezatti, 2010).

Para a GFD, a intenção do falante não surge em um *vacuum*, mas sim em um multifacetado contexto comunicativo. Uma dessas facetas constitui o componente contextual. Esse componente contém dois tipos de informação: (i) informação imediata (de curto prazo) recebida pelo componente gramatical, relativa a um enunciado particular, que é relevante para a forma que os enunciados subsequentes assumem; (ii) informações de longo prazo sobre a interação corrente, que é relevante para as distinções que são requeridas na língua em uso e que influenciam a formulação e a codificação nesta língua.

Somente quando o contexto tem um impacto sistemático sobre as escolhas gramaticais disponíveis para o falante na formulação é que esses aspectos merecem explicação. Pezatti (2010) nos





dá um exemplo de informações vindas do contexto situacional, como a diferença de gênero e a de relação social.

(47) Como a senhora está pálida!

A escolha da forma *senhora* em vez de *você* reflete a formalidade da relação entre os interlocutores; já a escolha de *pálida* (e não *pálido*) e de *senhora* (e não *senhor*) sinaliza o gênero do destinatário. Tanto a relação social quanto o gênero são especificações do componente textual.

Em relação ao componente conceitual (de caráter cognitivo), Souza (2008) afirma que a inserção desse componente foi a grande mudança instaurada pela GFD em seu modelo de gramática. Este componente não faz parte da gramática, mas é a força motriz que está por trás do componente gramatical.

Assim, o novo modelo proposto por Hengeveld (2004) é descrito como um processo *top-down* (descendente), que parte da intenção do falante (do componente conceitual) para a expressão das formas linguísticas. Essa análise sugere, segundo o autor, que o falante primeiro decide qual será seu propósito comunicativo (sua intenção), depois seleciona e codifica essa informação em termos gramaticais e fonológicos, para então realizar o ato discursivo.

Em outras palavras, a GFD postula a necessidade de uma gramática organizada em quatro níveis, cada qual concebido como um módulo separado e organizado internamente em camadas: os níveis interpessoal e representacional (já existentes na GF), associados às operações de formulação, e os níveis estrutural (morfo sintático) e fonológico (expressão), associados às operações de codificação.

Conforme encontramos em Santana (2010), uma das razões para postular um sistema modular com quatro níveis de representação é a de que é possível fazer referência anafórica em todos os níveis de organização linguística, não apenas a entidades referenciais, como em (A), mas também a atos de fala, como em (B), à forma de sintagmas nominais, como em (C), e à própria expressão fonológica, como em (D)<sup>xix</sup>.

Nesse sentido, o *input* do componente textual não só vem do resultado da formulação como também do

resultado da codificação, ou seja, dos níveis morfossintático e fonológico. É por isso que a referência anafórica é possível não só a partir de constructos pragmáticos e semânticos, mas também de seções de estruturas oracionais morfossintáticas e de estruturas de enunciados fonológicos (Pezatti, 2010).



- (A) Nível interpessoal
- (48) Saia já daqui!
- (49) Não me fale assim!
- (B) Nível representacional
- (50) Há muitos sinais de trânsito nesta cidade.
- (51) Eu não havia notado isso.
- (C) Nível morfossintático
- (52) Eu comi "lamb chop" ontem à noite.
- (53) É assim que você diz "costela de carneiro" em inglês?
- (D) Nível fonológico
- (54) Eu comi uma /pa'eʎa / ontem à noite.
- (55) Isso não seria /pa'eya/ ?

Como visto, os níveis interpessoal (pragmático) e representacional (semântico) descrevem a língua quanto às suas funções e aos seus significados, mas somente as funções e os significados que são codificados pela morfossintaxe da língua. Desse modo, o nível interpessoal representa a unidade linguística em termos de função comunicativa, enquanto o representacional representa a unidade linguística em termos de categoria semântica.

No nível morfossintático, as unidades linguísticas são analisadas em termos de seus constituintes sintáticos, da camada mais alta para a mais baixa: expressão linguística, oração, sintagmas e palavras. O nível fonológico, por sua vez, contém as representações fonológicas segmental e suprasegmental da elocução. Isso significa que, nesse nível, a expressão linguística é analisada quanto às unidades fonológicas que ela contém.

A GFD é, portanto, o componente gramatical de uma ampla teoria da interação verbal e, como tal, considera que a pragmática governa a semântica, pragmática e semântica governam a



morfossintaxe, e, pragmática, semântica e morfossintaxe governam a fonologia.

Neste artigo, trabalharemos, basicamente, com os conceitos relativos aos níveis interpessoal e representacional.

## QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para a realização desse estudo, fizemos um levantamento de textos publicados em blogs no período de 2001 a 2013. Esse levantamento se deu da seguinte forma: foram digitados, um de cada vez, os pronomes demonstrativos *essazinha, issozinho, aquilozinho/aquilinho* para ver as possibilidades de uso em textos escritos e possíveis valores semânticos. Vários textos, publicados em diversos blogs, foram apresentados como resposta da busca inicial.

Em seguida, foi visitado cada blog para leitura e seleção de tais textos. Após essa triagem, repetiu-se o mesmo procedimento para busca e seleção de expressões compostas por demonstrativos: *ser isto ou aquilo, essas coisas, um dia daqueles, não era aquilo tudo, não estava lá essas coisas, aquele abraço*.

Os gêneros textuais encontrados para a pesquisa foram: crônicas (em sua maioria), relatos pessoais, artigo de opinião e comentários sobre assuntos diversos (moda, política, restaurantes, evento literário e livros).

Os *weblogs*, ou simplesmente, *blogs*<sup>xx</sup>, são páginas na internet onde as pessoas escrevem sobre uma infinidade de assuntos de seu interesse. Podem vir acompanhados de imagens e sons. Muitos o utilizam como diários virtuais para relatar suas experiências ou publicar opiniões. Porém, com a expansão da internet e a facilidade de comunicação que ela proporciona, os blogs foram se tornando espaço de disseminação de ideias e informações. Vários profissionais (professores, jornalistas, escritores) e empresas passaram a utilizá-los como ferramenta de trabalho.

A maioria dos sistemas de blogs conta com duas ferramentas: a de comentários, que permite que os internautas possam deixar observações e comentários sobre os *posts* publicados pelo autor do blog, e a ferramenta *trackback*, que permite que outros *posts*, em outros blogs, que fizeram referência a um texto, sejam *linkados* junto

dele, de modo a mostrar ao internauta a discussão que está sendo realizada em torno do assunto levantado por ele e também por outros blogs. Assim, a possibilidade de interação proporciona ao *blog* um espaço de comunicação, de troca de experiências e de informações entre os interagentes.



Por fim, informamos que a análise aqui realizada segue o método qualitativo. Os exemplos, identificados como E1, E2, E3 e assim respectivamente, são apresentados da seguinte forma: título do texto publicado no *blog* e trecho em que consta o pronome analisado, seguido do nome do autor e do endereço do site.

### ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados, restringimo-nos aos pronomes demonstrativos *este(a)/isto*, *esse(a)/isso* e *aquela(a)/aquilo* que atuavam além de suas propriedades básicas. Não comentamos os casos em que foram empregados somente como elemento referencial, uma vez que já faz parte da tradição gramatical. Além do mais, fugiria dos objetivos da pesquisa. Assim, nas subseções, a seguir, descrevemos e analisamos três categorias de uso dos pronomes demonstrativos que foram encontradas: (i) *valor apreciativo*; (ii) *valor depreciativo* e (iii) *autonomia referencial*.

238

#### Valor apreciativo

Tanto Neves (2011, p. 504) quanto Celso e Cunha (2008: 353) são unânimes ao afirmarem que os demonstrativos *isto*, *isso* e *aquilo*, quando aplicados a pessoas, geralmente, expressam valor depreciativo ou irônico. Contudo, nas ocorrências, abaixo, os demonstrativos foram utilizados com valor apreciativo.

(E1) Texto: A Colcci e o para-quedas

*Ontem, o tão esperado desfile da Colcci aconteceu, com atraso, mas foi triunfante!(...) A grande expectativa da noite, por incrível que pareça, não foi aquilo tudo da Gisele, mas issozinho aqui do Jesus Luz.* (Nanda Portella)<sup>xxi</sup>

(E2) Texto: Caras de pau



(...) *Tá bem de madrasta, hein, companheiro? O coroa tá mandando direitinho, **isso** daí ainda dá um belo caldo.* (Leonel Prata)<sup>xxii</sup>

(E3) Texto: Sorria e o mundo te fará feliz!

*A alegria é aquilozinho que faz a gente feliz, mas ela depende mais de nós do que dos outros para seguir seu ciclo. Sorria e o mundo te fará feliz e alegre também se alegrará contigo! Seja belo e as situações te recompensarão - com atitudes e gestos nobres!* (Neire Ariadna)<sup>xxiii</sup>

Em (1), "issozinho" foi empregado para transmitir admiração ao modelo Jesus Luz<sup>xxiv</sup>, destaque na mídia como ex-namorado da cantora americana Madonna. A fim de deixar claro o quanto o modelo despertou a curiosidade do público no desfile da Colcci, a autora do texto, Nanda Portella, menciona que a presença dele criou maior expectativa em relação a presença da modelo Gisele Bündchen.

Chama atenção a construção "não foi aquilo tudo", referindo-se à Gisele. Essa expressão é muito usada para indicar decepção em relação a algo ou a alguém, como por exemplo: "o filme *não foi aquilo tudo* que eu esperava" ou "ele *não é aquilo tudo* que dizem". Observamos, porém, que a autora não utiliza a expressão para depreciar a modelo, pelo contrário. Ao utilizar "Aquilo tudo", a autora dá ênfase, reforça à notoriedade da modelo, surtindo, inclusive, um efeito gradativo: "aquilo tudo da Gisele", como a expressão do máximo em personalidade, fama e competência profissional da modelo, e "issozinho do Jesus Luz", que não expressa, no entanto, inferioridade, mas apreço ao modelo que, embora não tenha a bagagem profissional da Gisele, impressionou o público.

Poderíamos cogitar que o valor avaliativo está no sufixo "inho" e não no demonstrativo. Porém, se substituirmos "*issozinho aqui* do Jesus Luz" por "*isso aqui* do Jesus Luz", podemos notar que a apreciação continua. O sufixo "inho", portanto, intensifica o valor apreciativo já demonstrado na construção "isso aqui". Observa-se, então, que o operador "inho" possui a amplitude necessária para permitir a expressão de estratégias ilocucionárias.

A construção *isso daí*, em (2), é outro exemplo de uso muito utilizado com sentido depreciativo, mas aqui faz referência com ênfase apreciativa



Em (3), observamos o emprego de "aquilozinho" tanto indicando afetividade quanto abarcando a ideia de simplicidade. "Aquilozinho" sugere que não é necessário algo grandioso para encontrar a alegria. Ela pode estar nas pequenas coisas.

Temos, então, o uso de demonstrativos não só retomando referentes, sua característica principal, operando, portanto, no nível representacional, mas também assumindo uma função subjetiva no discurso. A transgressão da norma (*isso* e *aquilo* aplicados a pessoas, podendo estar no diminutivo ou não) torna-se uma estratégia comunicativa: demonstrar a opinião, o julgamento do falante em relação ao que foi dito. Operando, assim, no nível interpessoal da língua.

Segundo a abordagem funcionalista (Neves, 1997), as estruturas das expressões linguísticas são consideradas configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração.

240

### Valor depreciativo

Quando se trata do emprego dos demonstrativos com valor depreciativo, os exemplos são mais abundantes, mostrando sua recorrência na língua. Os trechos, abaixo, são apenas um recorte do que encontramos. Não há, no entanto, uma forma específica, podendo ser usados no diminutivo ou não. Apesar do trabalho não ter como foco a análise quantitativa, a ocorrência maior parece ser na forma diminutiva. Em muitos casos, estes pronomes vêm acompanhados de advérbios, "issozinho / essazinha + aí / daí" ou de outro pronome, "essa + tal", os quais intensificam o valor depreciativo.

(E4) Texto: Junho, mês de festas

Jamais ouvi alguém falando mal de festa junina. Imagino que estes detratores devam existir. (...) Eu adoro todas estas datas e penso com meus botões que muitas pessoas reagem a elas simplesmente porque acham que é bonito ser contestador, que é sinal de inteligência mostrar-se questionador e acabam embarcando em causas furadas. (Carla Cintia)<sup>xxv</sup>

(E5) Texto: ONU pede fim do embargo à Cuba

"*Esse pessoal "progressista" é muito gozado (...)*": nome deles agora (...). Por sinal, o único "comunista" aberto do blog é um dos maiores



contribuidores da pesada de conteúdo, você tem o que pra oferecer mesmo? E só issozinho aí? Me mostre os "progressistas", capiau. (Ivan Moraes)<sup>xxvi</sup>

(E6) Texto: Seria cômico se não fosse trágico: reajuste de 6,51% para os servidores públicos em Campos

*É isso! O tão comentado reajuste anual dos servidores públicos municipais de Campos será de, nada mais, nada menos que 6,51%. (...). E se issozinho de reajuste veio agradeçam ao prefeito de Macaé (...).* (Luciana)

<sup>xxvii</sup>(E7) Texto: Os ricos miseráveis

O que dizer deste nosso juiz? O nosso juiz, o nosso aplicador de justiça? (...) Este nosso juiz, que em um mês embolsou (...): \$ 640 mil. (...) Isto no país onde o salário mínimo POR LEI, é de \$ 622 reais.

(...) Sabe quanto o senhor, senhor trabalhador de um salário mínimo, teria de trabalhar, para dar um mês de salário do senhor juizinho? Um mil e trinta e três meses. Só issozinho. (João Felipe)<sup>xxviii</sup>

(E8) Texto: O fantástico real

*Ah! Cansei, tá? Não vou mais ficar aqui falando de ficções. Deu.*

*Eu acordo, vou pra terapia, trabalho à beça. Tudo normal. É a vida minha gente! Só issozinho mesmo.* (Fabi)<sup>xxix</sup>

Em (E4), a julgar pelo ponto de origem do enunciador, seria de se esperar o emprego de "esses", mas a autora, para enfatizar seu desprezo pelas pessoas que falam mal de festas juninas, opta por "estes". Vemos um fator de ordem subjetiva se sobrepondo ao de espaço, determinando o uso da 1ª pessoa com o propósito de imprimir ao referente um valor depreciativo.

No trecho: *Esse pessoal "progressista" é muito gozado*, em (E5), observamos que "esse" não é um mero especificador, transmite também valor pejorativo. Cabe lembrar que o pronome *esse*, já no latim clássico, era considerado enfático por excelência (Andrade, 2001).

Em (E6), podemos notar que "issozinho" encerra tanto o valor de tamanho quanto de menosprezo. A autora do texto reclama que o aumento dos professores, em Macaé, foi de apenas 6,51%. Ela considera pequeno, insignificante, por isso a escolha de "issozinho" para se referir ao reajuste. Já em (E7), o autor opta por "issozinho" em referência ao montante salarial do juiz (\$ 640 mil), num tom claramente irônico. O emprego desta mesma forma, em (E8), expressa mais conformismo que depreciação.



Dik (1989) destaca que a relação entre a intenção do falante e a interpretação do ouvinte não é estabelecida pela expressão linguística, mas sim mediada por ela. Assim, as escolhas linguísticas, no ato comunicacional, estão ligadas ao papel que assumem na interação verbal e aos propósitos dos atos de fala. Vemos, portanto, uma mesma expressão (issozinho) adquirindo valores diferentes por conta das intenções comunicativas.

A respeito do propósito comunicativo, Souza (2008, p. 16) destaca que *uma grande mudança instaurada pela GFD é a inserção do componente conceitual em seu modelo de gramática*. Segundo Hengeveld (2004), o componente conceitual (de caráter cognitivo, onde surge a intenção cognitiva) não faz parte da gramática, mas é a força motriz que está por trás do componente gramatical. Souza (2008) acrescenta que um modo de interpretar a operação de formulação é o de que ela representa a conversão de uma representação conceitual pré-linguística em representações semânticas e pragmáticas linguisticamente relevantes.

Essas afirmações corroboram para a defesa da multifuncionalidade dos demonstrativos. Além das funções dêitica e anafórica (domínio concreto de sentido), temos visto, nos exemplos arrolados, o emprego dos demonstrativos funcionando a serviço de necessidades expressivas (domínio mais abstrato e subjetivo). A opção por um ou outro demonstrativo, sozinho ou acompanhado de advérbios ou ainda na forma diminutiva, é estabelecida de acordo com a necessidade do falante quando quer dar a sua construção um tom pejorativo, apreciativo, irônico, etc. Como postula a GFD, é a intenção do falante que determina suas escolhas linguísticas.

242

### Autonomia referencial

Em nossos dados, encontramos alguns usos em que os demonstrativos adquirem sentidos próprios dentro de alguns contextos. São casos em que *isto / isso e aquilo* não apontam para nenhum referente no enunciado ou na situação.

(E9) Texto: Quem sou eu



gostar de política para ser respeitada entre os "politicamente corretos" (...). (Leonor Maria)<sup>xxx</sup>

(E10) Texto: Apesar de tudo isso que disse aí embaixo, deixa uma resposta

Como eu sempre disse, mulher se veste para mulher e ,realmente, essa mania de valorizar homens muito sensíveis, muito issozinho, muito aquilinho, parece coisa de querer efeminar o homem!. (Alessandra Mosquera)<sup>xxxi</sup>

(E11) Texto: Adoro carros

(...) Cansei de fazer avaliações para a troca de carro e o pessoal das concessionárias "avaliar" só de longe. O único carro meu, que foi avaliado de forma mais minuciosa foi um Versallão bem rodado (que estava inteiro!), de resto... nem queriam saber ou se importavam se tinha isso ou aquilozinho (...).<sup>xxxii</sup>

Os demonstrativos neutros *isto* / *isso* e *aquilo*, nos casos acima, estabelecem uma conexão temática dentro do texto, ou seja, é possível, pelo contexto linguístico, deduzir alguns significados, mas a função pronominal básica dessas formas fica, no mínimo, prejudicada. São empregos dessa natureza que vão de encontro ao que postulam as gramáticas tradicionais: os demonstrativos não têm autonomia referencial, são essencialmente dêiticos ou anafóricos.

Em (E9), libertar-se da ditadura de ter que ser *isto* ou *aquilo* sugere independência para fazer as próprias escolhas e não seguir mais um padrão, um modelo instituído pela sociedade no que diz respeito a comportamento, profissão, relacionamentos, etc.

O emprego dos pronomes, em (E10), traz forte conotação pejorativa, reforçando um preconceito em relação ao universo masculino. Este uso indica que homem *muito issozinho* e *muito aquilinho* é homem "fresco". Aqui, a noção veiculada pelos demonstrativos expressa também subjetividade, pois expõe a avaliação negativa da autora em relação ao homem que tem atitudes ou comportamento "menos masculino".

Em (E11), ter *isso* ou *aquilozinho* no carro alude às avarias que um veículo usado pode apresentar. O emprego do diminutivo, nesse caso, não tem carga pejorativa, sugerindo os danos menores, que, às vezes, nem são aparentes no carro.

O paradigma funcionalista da linguagem busca analisar a instrumentalidade da língua em relação ao que as



peessoas fazem e alcançam com ela no intercâmbio comunicativo. Em relação à interação verbal, Dik (1989, p.8), ao explicar o papel da expressão linguística, diz que "a interpretação do ouvinte depende da própria expressão linguística, da informação pragmática de que ele dispõe e de sua hipótese sobre a intenção comunicativa do falante".

Considerando os postulados, acima, e o modo como foram empregados os pronomes demonstrativos, nos exemplos arrolados, podemos confirmar que faz parte da competência linguística do falante a forma como este submete a língua às suas condições de enunciação e ao mesmo tempo fornece pistas ao ouvinte para que seja capaz de inferir o sentido da mensagem transmitida.

Isso quer dizer que os falantes, além de serem capazes de integrar as produções verbais em contextos, também jogam com esses contextos no sentido de deduzir novas significações. Fica fácil entender porque a GFD inclui o contexto como um dos componentes da análise linguística e considera os enunciados seguindo uma organização *top-down*, que parte da intenção do falante (do componente conceitual) para a expressão das formas linguísticas. Nessa organização, o componente conceitual, estreitamente relacionado ao contextual, se manifesta na expressão linguística.

Assim, observando o funcionamento dos demonstrativos nos contextos (E8), (E9) e (E10), podemos dizer que eles foram empregados com significações que não têm a ver com suas propriedades dêiticas ou anafóricas, já que não há referentes definidos, mas com a intenção do emissor em usar essas formas para dar margem às várias possibilidades interpretativas. Trata-se de uma economia linguística, a comunicação de mais de uma mensagem com uma mesma construção linguística. Muito provavelmente, outros leitores podem inferir significações diferentes das que apresentamos na análise.

Em (E9), por exemplo, quando o autor diz que as concessionárias, na hora de avaliar o carro para troca, *nem queriam saber ou se importavam se tinha isso ou aquilozinho*, a expressão em negrito pode significar não somente os possíveis problemas que o carro usado pode



ter, mas também o bom estado de conservação que alguns veículos usados apresentam, e que, nesse caso, para a concessionária seria indiferente.

No nível representacional, "isto / isso ou aquilo" são interpretáveis semanticamente, dentro de seus contextos, como designadores predicativos. No nível interpessoal, atua discursivamente, ativando operações cognitivas avaliativas no interlocutor a partir da informação pragmática.

Diante das possibilidades expressivas veiculadas por "isto / isso ou aquilo", o falante leva o destinatário a eleger uma interpretação coerente, considerando seu conhecimento da situação e o conhecimento de mundo.

## CONCLUSÃO

Em busca de uma descrição e análise dos variados usos e valores semântico-pragmáticos dos pronomes demonstrativos, do português brasileiro, chegamos à compreensão de que o emprego dos demonstrativos se manifesta com extrema riqueza na língua, indicando uma tendência de reconfiguração das funções básicas desses pronomes.

As evidências apontam que os referidos pronomes vêm sofrendo uma reestruturação no plano do uso e que essa reestruturação tem motivação funcional. Não há dúvidas de que elementos de ordem semântico-pragmáticos (contexto de uso e intenção do falante) têm contribuído para a expansão da funcionalidade desta classe de palavras.

Correlacionando os diferentes usos dos demonstrativos com os níveis de organização da GFD, o que se observa é que o emprego dêitico e o anafórico desses itens os situam no nível representacional. À medida que esses elementos vão assumindo outras funções na língua, tais como funções expressivas e discursivas, passam também a operar no nível interpessoal.

As reflexões que apresentamos, neste artigo, estão baseadas em uma análise qualitativa de relativamente poucos dados. Dessa forma, para aprofundar os resultados, podem ser feitas outras pesquisas, adicionando mais dados, de modo a realizar também uma análise quantitativa e, assim, descrever e ampliar nossos conhecimentos sobre outros

usos dos pronomes demonstrativos nas diferentes manifestações da fala e da escrita.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. Demonstrativos e [ana]fóricos em latim. Universidade de Aveiro, 2001. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/pronomes.pdf>. Acessado em 05/10/2019.

BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAMACHO, R. G. Funcionalismo holandês: da gramática funcional à gramática funcional do discurso. *Signótica Especial*, n. 2, pp. 167 - 180, 2006.

CARRASCOSSI, C. N. S. *Gramaticalização e (inter) subjetivização na modalidade em português: um estudo do pode ser*. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2011.

CASTILHO, A. T. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. (org.). Gramática do Português Falado. 3. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

CUNHA, C. & CINTRA, L. Nova Gramática do português contemporâneo. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

DIK, S. C. The theory of functional Grammar. Dordrecht Holland/Providence RI -USA, Foris Publications, 1989.

\_\_\_\_\_, S.C. The theory of Functional Grammar. Part I: The structure of the clause. Edited by Kees Hengeveld. Dordrecht: Foris, [1989] 1997a.

\_\_\_\_\_. The theory of Functional Grammar. Part II: Complex and Derived Constructions. Edited by Kees Hengeveld. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997b.

FIORIN, J. L. As astúcias da enunciação: *as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

HENGEVELD, K. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In MACKENZIE, J. L., GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. (eds), *A new architecture for Functional Grammar* (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter Amsterdam, 2004, p. 1-21.

HYMES, D. Short notice of Dik's studies in functional grammar. *Language in Society*, v. 12, 1979.

MACEDO, W. Gramática da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1991.



*contemporâneo*. 2009, 220f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, 2009.

NEVES, M. H. de M. A gramática funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. Gramática de Usos do português. 2ª. ed., São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PEZATTI, E. G. Pesquisas em gramática funcional: descrição do português. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

\_\_\_\_\_. O contexto na gramática discursivo-funcional. In *Relações entre questões textual-discursivas e expressão morfossintática na gramática discursivo-funcional*. Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, Maringá, 2010. Disponível em [http://www.dle.uem.br/funccpar/pezatti\\_cielli\\_2010.pdf](http://www.dle.uem.br/funccpar/pezatti_cielli_2010.pdf). Acessado em 05/09/2019.

RIBEIRO, M. P. Gramática aplicada da língua portuguesa. 19ª. ed., Rio de Janeiro: Metáfora, 2010.

ROCHA LIMA, C. H. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 49ª. ed., Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.

SANTANA, L. Relações de complementação no português brasileiro: *uma perspectiva discursiva-funcional*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/yyvth/pdf/santana-9788579831164.pdf>. Acessado em 25/08/2019.

SILVEIRA, C. D. L. A. Edição do manuscrito "Reminiscências de Santos" do século XX: estudo comparativo das ocorrências dos pronomes demonstrativos desse corpus com ocorrências dos séculos XVII, XVIII e XIX. 2009, 309f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, 2009

SOUZA, E. R. F. Gramática funcional: da oração rumo ao discurso. *Revista Eletrônica de Linguística, Domínios de Linguagem*. Ano 2, n. 1, 2008. Disponível em <http://www.dominiosdelinguagem.org.br>. ISSN 1980-5799.

Recebido em 10 de outubro de 2019.

Aprovado em 16 de abril de 2020.

## DEMONSTRATIVE PRONOUNS IN CONTEXTS OF USE

**ABSTRACT:** According to traditional grammars, what fundamentally characterizes demonstrative pronouns is their deictic function: they indicate the position of beings, things, and notions in space or time in relation to the three persons of speech (1st

OS PRONOMES  
DEMONSTRATIVOS EM  
CONTEXTOS DE USO  
Afluente, UFMA/CCEL, v.5, n.15,  
p. 220-251, jan./jun. 2020  
ISSN 2525-3441

person: ESTE/A, ISTO (this); 2nd person: ESSE/A, ISSO (that); 3rd person: AQUELE/A, AQUILO (that). In addition to the deictic function, the anaphoric and cataphoric functions are also mentioned, which respectively refer to something already mentioned and to what will be mentioned in the discourse.



These classifications, however, do not account for other uses of these pronouns in oral and written speech. Considering, therefore, the multifunctionality of demonstrative pronouns, this paper proposes to present the description and analysis of some of these pronouns, considering their varied uses and semantic-pragmatic values. The theoretical assumptions that underlie this research are the Functional Discourse Grammar, model proposed by Hengeveld (2004), which considers the language in use, the participants, the communicative purpose and the discursive content. The data presented shows that the use of demonstratives occurs with extreme richness in the language, indicating a tendency to reconfigure the basic functions of these pronouns. The evidence points to a process of subjectivity of semantic-pragmatic order in the use of demonstratives.

**Keywords:** Demonstrative Pronouns. Functional Grammar of Speech. Language.

### PRONOMBRES DEMOSTRATIVOS EN CONTEXTO DE USO

**RESUMEN:** Según las gramáticas tradicionales, lo que caracteriza fundamentalmente a los pronombres demostrativos es su función deíctica: indican la posición de los seres, las cosas y las nociones en el espacio o el tiempo en relación con las tres personas del habla (primera persona: esto, esta; 2da persona: eso, esa; 3ra persona: aquello, aquella). Además de la función deíctica, también se mencionan las funciones anafóricas y catafóricas, que se refieren respectivamente a algo ya mencionado y a lo que se mencionará en el discurso. Sin embargo, estas clasificaciones no tienen en cuenta otros usos de estos pronombres en el habla oral y escrita.

Considerando, por lo tanto, la multifuncionalidad de los pronombres demostrativos, este artículo propone presentar la



descrição y el análisis de algunos de estos pronombres, considerando sus variados usos y valores semántico-pragmáticos. Los supuestos teóricos que subyacen a esta investigación son la Gramática del discurso funcional, modelo propuesto por Hengeveld (2004), que considera el lenguaje en uso,

los participantes, el propósito comunicativo y el contenido discursivo. Los datos presentados muestran que el uso de demostrativos se manifiesta con una riqueza extrema en el lenguaje, lo que indica una tendencia a reconfigurar las funciones básicas de estos pronombres. La evidencia apunta a un proceso de subjetividad de orden semántico-pragmático en el uso de enunciados.

**Palabras-clave:** Pronombres Demostrativos. Gramática Funcional del Habla. Idioma.

<sup>i</sup> O mais importante reconhecimento a autores de língua portuguesa, criado pelos governos do Brasil e de Portugal em 1988.

<sup>ii</sup>Notícia encontrada em: <http://oglobo.globo.com/cultura/joao-ubaldo-ribeiro-ganha-premio-camoes-2008-3608286>. Acessado em 13/11/2013.

<sup>iii</sup> O texto se encontra, na íntegra, no site <http://academia.org.br/artigos/o-dinheiro-do-premio>. Acessado em 05/10/2019.

<sup>iv</sup> Não há um consenso entre os gramáticos na distinção entre flexão e derivação. Há os que consideram que a flexão de grau, nos substantivos, se manifesta como aumentativo e diminutivo; há os que defendem os sufixos aumentativos e diminutivos como derivação. Segundo Basílio (2004: 67) "o fato de a Nomenclatura Gramatical Brasileira considerar o grau como flexão é devido à influência da gramática clássica, mas apesar disso, a maior parte dos gramáticos de hoje tende a considerar o grau como derivação". Seguindo a proposta de Basílio, neste trabalho, o sufixo de grau diminutivo será tratado como derivação.

<sup>v</sup> Foram consultadas as obras de Bechara (2009), Cunha e Cintra (2007), Macedo (1991), Ribeiro (2010) e Rocha Lima (2011).

<sup>vi</sup> As orações (1) e (2) foram elaboradas para exemplificar o uso dos demonstrativos nesses casos. Todos os exemplos e dados utilizados, em toda a pesquisa, seguem a sequência numérica iniciada aqui.

<sup>vii</sup> Na avaliação de Fiorin (2002:267-268), a transição de um sistema tricotômico para um dicotômico vem alterando a doutrina tradicional, que recomenda o uso de *este* em função catafórica (que, ao anunciar o que será dito, indica algo que ainda está na situação de enunciação), de *esse* em função anafórica (que, ao assinalar o que acabou de ser dito, ainda está na situação de enunciação) e de *aquela*, em função anafórica (que sinaliza o que foi dito há algum tempo e que está em outro contexto). Para Fiorin, é a perda da distinção entre *este* e *esse* em função dêitica que leva à neutralização dessas formas em função anafórica, tornando o sistema dicotômico, e levando ao uso indistinto de *esse* e *este* para retomar o que se acabou de dizer. No entanto, assevera Fiorin, há casos marcados onde dificilmente se usaria *esse* no lugar de *este*: a retomada de dois termos, em que *este* se refere ao que foi dito por último e *aquela* ao que foi dito primeiro; a oposição entre *este*/*aquela* iniciada pela conjunção coordenativa alternativa *ou* e, assim também, a retomada por enumeração em que o anafórico remete somente ao último membro da série.



viii Foram analisadas coleções que englobam o Ensino Fundamental e Médio: *Português para todos* (Ed. Scipione), *Português Linguagens* (Ed. Atual) e *Tudo é linguagem* (Ed. Ática).

ix Sigla cunhada pela professora Rosa Marina de Brito Meyer no Programa de Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

x As obras consultadas foram: *Bem-vindd* (Ed. SBS), *Falar... Ler... Escrever Português* (Ed. E.P.U.), *Novo Avenida Brasil 1* (Ed. E.P.U.) e *Português básico para estrangeiros* (Ed. Yale University Press).

xi No latim clássico, esses demonstrativos executavam o papel específico de representar, na frase, uma ou mais palavras que já tinham sido referidas anteriormente, com características totalmente anafóricas. Talvez, essa ambiguidade, que se chocava com a própria definição dos demonstrativos que se destacavam por seu aspecto dêitico e anafórico, tenha sido responsável pelo desuso desses pronomes e posterior apagamento na evolução para o português (Silveira, 2009: 160).

xii Apesar de **iste** representar, dentro do latim, os demonstrativos **esse, essa, isso**, na mudança para o português passou a ser representado por **este, esta, isto**.

xiii Neves (2011, p. 496) também apresenta esse emprego do demonstrativo.

xiv Conforme encontramos em Souza (2008, p.8), que o conhecimento linguístico se subdivide em: a) Lexical: conhecimento dos predicados lexicais da língua, suas propriedades semânticas e morfosintáticas, e suas inter-relações; b) Gramatical: conhecimento das regras e princípios que definem as estruturas gramaticais da língua, e das regras e princípios pelos quais essas estruturas subjacentes podem ser expressas nas expressões linguísticas; c) Pragmático: conhecimento das regras e princípios que admitam o uso correto de expressões linguísticas na interação verbal. Já o conhecimento não-linguístico se subdivide em: a) Referencial: conhecimento sobre entidades como pessoas, coisas e lugares; b) Episódico: conhecimento sobre estado-de-coisas (ações, processos, posições, estados) nos quais as entidades estiveram, estão ou estarão envolvidos; c) Geral: conhecimento sobre regras gerais e princípios que governam o mundo.

xv O conhecimento textual se subdivide em: a) Referencial: conhecimento sobre entidades, na forma mencionada no texto "entidades discursivas ou tópicos"; b) Episódico: conhecimento sobre estado-de-coisas nos quais as entidades estão envolvidas, na forma descrita no texto; e por fim, c) Geral: conhecimento sobre regras gerais e princípios, na forma mencionada no texto.

xvi *Operadores* são usados para capturar as modificações e modulações obtidas por meios gramaticais, tais como tempo, modo e aspecto. *Satélites* são meios lexicais opcionais que veiculam informação adicional a uma das camadas no modelo hierárquico da oração. São opcionais porque podem ser retirados sem afetar a gramaticalidade da sentença; *lexicais*, porque se opõem a categorias gramaticais; e *portadores de informação adicional*, porque a informação principal pertencente a uma camada particular está contida na estrutura nuclear à qual o satélite é acrescentado (Pezatti, 2009, p. 9).

xvii Cf. o original: *"It might be fair to say that Dik understands FG to be preferable as a way of analyzing grammar as communicative means, but leaves the analysis of communicative ends, and the linkage between means and ends, to others, or for another time"*

xviii Os atos discursivos tanto podem se articular entre si, levando a constituição de estruturas discursivas maiores, como podem se manifestar como orações ou fragmentos oracionais gramaticais, sintagmas ou palavras (Santana, 2010, p. 97).

xix Todos os exemplos utilizados (em A, B, C, e D) foram retirados de Santana (2010, p. 97).

xx Blogs são, hoje, um dos sistemas mais populares de publicação na Web. O Blogger.com, um dos sistemas mais conhecidos de blogs, anunciou ter chegado à marca de um milhão de blogs registrados.

([http://www.blogger.com/news\\_archive.pyra?which=2003\\_01\\_01\\_news\\_archive.xml#90149069](http://www.blogger.com/news_archive.pyra?which=2003_01_01_news_archive.xml#90149069))

xxi [http://panoprananda.blogspot.com/2009\\_06\\_01\\_archive.html](http://panoprananda.blogspot.com/2009_06_01_archive.html). Acessado em 05/07/2019

xxii <http://www.algoadizer.com.br/edicoes/materia.php?MaterialD=611>. Acessado em 05/07/2019

xxiii <http://revistacontemporartes.blogspot.com.br/2011/07/poesia-de-neire-ariadine.html>.

Acessado em 05/07/2019

xxiv Em 2009, o modelo e DJ Jesus Luz fez um ensaio com a pop star Madonna para a revista W. A cantora declarou em entrevistas ter se encantado com a beleza do brasileiro. No mesmo ano, iniciaram um



---

relacionamento. Um ano depois, o modelo ganhou um perfil no jornal "The New York Times". Jesus Luz e Madonna foram namorados até fevereiro de 2011.

<sup>xxv</sup> [http://amargandofelicidade.blogspot.com.br/2001\\_06\\_17\\_archive.htm](http://amargandofelicidade.blogspot.com.br/2001_06_17_archive.htm).

Acessado em 05/07/2019

<sup>xxvi</sup> <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/onu-pede-fim-do-embargo-a-cuba>

<sup>xxvii</sup> <http://www.estouprocurandooquefazer.com/2011/05/seria-comico-se-nao-fosse-tragico.html>. Acessado em 05/07/2019

<sup>xxviii</sup> <http://sinatti.blogspot.com.br/2012/01/os-ricos-miseraveis-3.html>.

Acessado em 05/07/2019

<sup>xxix</sup> [popfabi.blogspot.com/2006\\_09\\_01\\_archive.html](http://popfabi.blogspot.com/2006_09_01_archive.html). Acessado em 05/07/2019

<sup>xxx</sup> <http://coisinhasdleo.blogspot.com.br/2014/04/luzes-e-sombras-o-show-da-vida.html>.

Acessado em 05/07/2019

<sup>xxxi</sup> <http://chuvaesolmaedeespanhol.wordpress.com/tag/charge>. Acessado em 05/07/2019

<sup>xxxii</sup> <http://forum.renaultclub.com/index.php?/topic/14075-sandero-pintura-muito-fina-que-risca-a-toa/> Acessado em 05/07/2019